

Autoritarismo à brasileira: o mito da conspiração e a população LGBTQIA+ em grupos bolsonaristas no Telegram¹

Guilherme POPOLIN²

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Este artigo investiga como o bolsonarismo, enquanto um fenômeno político autoritário, aciona o Mito da Conspiração (GIRARDET, 1987) a fim de imputar à população LGBTQIA+ a figura de um inimigo. Para tanto, recorre-se à reflexão teórica sobre o autoritarismo (ADORNO, 2019); as questões de gênero (BIROLI *et al.*, 2020); o bolsonarismo (PUCCI, 2020); a mitologia política (GIRARDET, 1987); e o Telegram (URMAN; KATZ, 2022) enquanto plataforma social cujas *affordances* potencializam a disseminação de conteúdos extremistas. Ademais, realiza-se a análise de mensagens que acionam os termos “LGBT” e “ideologia de gênero” em grupos bolsonaristas no Telegram cujo resultado aponta a presença de valores autoritários e a mobilização do medo para engajar bolsonaristas na luta contra um inimigo imaginário.

Introdução

Em 1613, em São Luís do Maranhão, Brasil, um indígena Tupinambá conhecido como Tibira determinou com seu trágico destino o fato que é conhecido como o primeiro crime homofóbico documentado no país. Retratado pelos colonizadores como um “índio bruto, mais cavalo do que um homem”, sua execução ocorreu sob a aclamação do missionário francês Yves d’Évreux, que alegou a necessidade de “purificar a terra das suas maldades”.

O cruel evento ocorreu no forte de São Luís, onde Tibira foi caçado, capturado e amarrado à boca de um canhão, que foi disparado. A bala dividiu seu corpo em duas partes: uma metade caiu ao pé da muralha e a outra, nunca encontrada, no mar. Antes de sua morte, Tibira foi batizado e expressou suas últimas palavras: “Não tenho mais medo de Jeropari

¹Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Tecnologias e Culturas Digitais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

²Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), email: gpopolin@gmail.com.

[diabo], pois sou filho de Deus. [...] Dai-me um pouco de petum [cigarro], para que eu morra alegremente, com voz e sem medo”.

O missionário Yves d'Évreux, de maneira regozijante, celebrou o assassinato de Tibira como uma vitória cristã e colonizadora. Ele afirmara que Tibira fora escolhido pela Divina Providência para o Reino do Céu e, assim, fora retirado dos “abismos infernais” de sua homossexualidade por meio do batismo (TREVISAN, 2018).

No Brasil contemporâneo, a população LGBTQIA+ enfrenta ameaças, perseguições e assassinatos, espelhando uma tendência global de opressão, mas que também reflete um imaginário cuja gênese encontra-se no período colonial. Recentemente, valendo-se de plataformas online (PENTEADO; LERNER, 2018) e do neoconservadorismo transnacional, o bolsonarismo passou a utilizar grupos e canais no Telegram a fim de endossar o descrédito das instituições, o nacionalismo, a moral cristã e o autoritarismo, além de direcionar ataques à população LGBTQIA+.

Por isso, investiga-se: em grupos e canais pró-Bolsonaro no Telegram, as mensagens que citam a população LGBTQIA+ evocam silogismos autoritários? Assim como nos períodos cujo autoritarismo era proeminente, tais conexões almejam imputar aos LGBTQIA+ a figura de um inimigo, de acordo com o Mito da Conspiração? Para isso, mobiliza-se o arcabouço teórico sobre o autoritarismo, o Mito da Conspiração, o Telegram, o bolsonarismo e questões de gênero, a fim de realizar uma análise exploratória em mensagens que mobilizam os termos “LGBT” e “ideologia de gênero” em canais e grupos bolsonaristas no Telegram.

Autoritarismo à brasileira

Como indica a história de Tibira do Maranhão, episódios autoritários permeiam a história do Brasil desde os tempos da colonização portuguesa. Gomes (2020) cita exemplos representativos, como a invasão em 1500, ocasionando o genocídio de indígenas; a escravidão oficializada, que durou mais de 300 anos; as ditaduras do Estado Novo (1937-1945) e dos “Anos de Chumbo” (1964-1985); e, mais recentemente, o fenômeno político do bolsonarismo. Ademais, presencia-se no Brasil um autoritarismo multifacetado à guisa de uma “gramática segregativa dos afetos”, manifestada pelas atitudes de indiferença, ódio ambivalente e ódio segregativo; que marcam as ações violentas dos brasileiros. Os discursos racistas, machistas, homofóbicos, xenofóbicos” (GOMES, 2020, p. 3).

À vista disso, observa-se no Brasil a herança do colonialismo aspergida sobre o tecido socioeconômico e cultural brasileiro, como aponta Gomes (2020): a desigualdade social; o espírito aventureiro; a cordialidade; o elitismo; os interesses privados sobre os públicos; o dualismo; o personalismo, o patrimonialismo; o familismo; o patriarcado; o clientelismo; o coronelismo; o aparelhamento do Estado; o uso da violência; o autoritarismo; o escravismo; e o racismo. Pode-se acrescentar a esta seara, evidentemente, a LGBTfobia e a misoginia.

A relação entre poder e autoritarismo é destacada por Souza (2019) ao apontar que quando as elites dominantes se sentem ameaçadas, uma consequência possível é o afloramento de práticas autoritárias de cunho fascista. Destarte, para manter sua dominação, aqueles que detêm o poder precisam controlar a produção de ideias, interpretando e justificando eventos de acordo com seus próprios interesses.

À luz de Horkheimer e Adorno (1985), depreende-se que a LGBTfobia bolsonarista é em alguma medida resultado de um sentimento de ameaça às elites dominantes, incluindo a religiosa. Desse modo, entende-se que a recusa do bolsonarismo à informação, a oposição à comunidade LGBTQIA+ e o apego à retórica autoritária são mecanismos de defesa que não admite questionamentos, sobretudo quando as normas hegemônicas de gênero e sexualidade são desafiadas.

Horkheimer e Adorno (1985) argumentam que aqueles que têm medo do poder alheio reproduzem uma insaciabilidade em forma de ódio. Em relação ao bolsonarismo, nesse sentido, Pucci (2020) aciona Adorno (2019) a fim de lançar luz sobre o bolsonarismo. Ao elencar as nove variáveis que mensuram a personalidade potencialmente antidemocrática, é possível reconhecer ações e ideias de Bolsonaro e do bolsonarismo, como: (1) adesão a valores convencionais, incluindo preconceitos, julgamentos e rejeição a grupos étnicos e imigrantes; (2) idolatria a figuras de autoridade, refletindo falta de consistência interna e potencial manipulação externa; (3) tendência a condenar e punir, direcionando agressividade a minorias; (4) resistência ao subjetivo, favorece o concreto e o prático, desvalorizando o humano em prol do físico, levando à desumanização e objetificação; (5) crença em fatores místicos, transferindo responsabilidade para forças externas; (6) ênfase na dominação-submissão, identificação com poder e exibição de força; (7) hostilidade generalizada e desprezo pelo humano; (8) crença em teorias da conspiração e projeção de

impulsos emocionais inconscientes; e (9) preocupação excessiva com eventos sexuais alheios, desejo de punição a transgressores e possível repressão de desejos sexuais próprios.

Neste artigo, lança-se luz especialmente à relação entre o autoritarismo e à conspiração, engendrando-se o Mito da Conspiração (GIRARDET, 1987) — narrativa explicativa que transforma acontecimentos históricos em tramas controladas e pré-determinadas por grupos secretos. Nesse mito, a imprevisibilidade dos fatos é substituída por uma lógica de manipulação, de modo que eventos são interpretados como resultados de um plano oculto. Esse mito emerge em períodos de incerteza, encontrando força na angústia coletiva e no medo. Ademais, projeta ameaças sobre grupos, frequentemente distorcendo o "Outro" como o mal oposto ao bem.

O Mito da Conspiração (GIRARDET, 1987) desempenha um papel social ao simplificar eventos complexos, na tentativa de restaurar a coerência racional em meio à desordem, oferecendo um senso de comunidade. A demonização contemporânea do comunismo na política brasileira (POPOLIN, 2020; 2023), da população LGBTQIA+ (POPOLIN, 2021), enfim, do campo progressista como um todo, ressoa aspectos do Mito da Conspiração, ao moldar e distorcer percepções sociais.

A “Ideologia de gênero” versus a família

É indubitável que a percepção social sobre identidade de gênero e orientação sexual pelo bolsonarismo é atravessada pelos mitos políticos (POPOLIN, 2021). De acordo com Schwarcz (2019), movimentos autoritários são acompanhados de esforços para controlar a diversidade sexual, os corpos e as identidades. Destarte, a orientação sexual e a identidade de gênero são temáticas recorrentemente acionadas pelo bolsonarismo, movimento estruturado, entre outros fatores, sob a influência de Olavo de Carvalho. O autoproclamado filósofo defendia que movimentos como o feminismo, a causa negra e os direitos LGBTQIA+ eram peças estratégicas na disseminação do chamado “marxismo cultural”, cujo objetivo seria minar a ordem estabelecida e propagar o comunismo. Desse modo, mobilizava-se a suposta “ideologia de gênero” para radicalizar e unir bolsonaristas contra ideias progressistas (MIGUEL, 2021).

A partir de 2010 — década na qual a equivocada “ideologia de gênero” passou a ser estrategicamente mobilizada pelo neoconservadorismo em todo o mundo (BIROLI *et al.*,

2020) — Bolsonaro se destacou no debate público por abordar as políticas sexuais formuladas pelo PT como potenciais ameaças (ALVES, 2019). Foi nesse contexto que Bolsonaro cunhou pejorativamente um conjunto de materiais educativos contra a homofobia como “kit gay” (ROMANCINI, 2018), visto que, para ele, a iniciativa tinha como objetivo incentivar crianças “à homossexualidade, à promiscuidade” (BALIEIRO, 2018; TREVISAN, 2018).

Em 2018, o pânico sexual (SANTOS, 2022), sustentado pela “ideologia de gênero”, foi estrategicamente explorado por Bolsonaro para atrair eleitores. À época, seu plano de governo afirmava contrariedade a “ideologias perversas”, comprometendo-se com um projeto educacional “sem doutrinação e sexualização precoce” (PLANO DE GOVERNO, 2018).

Quando assumiu a presidência, em 2019, o Brasil testemunhou retrocessos e ataques à comunidade LGBTQIA+ (VASCONCELOS, 2019; PEREIRA, 2022; FEITOSA, 2021; SILVA, 2021). De acordo com Machado (2020), no governo Bolsonaro, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, liderado pela pastora evangélica Damares Alves, demonstrou oposição à perspectiva de gênero, vetando, por exemplo, o uso do termo “equidade de gêneros”, incluindo na pasta missionários cristãos antifeministas e antidireitos LGBTQIA+.

Durante a campanha eleitoral de 2022, quando Bolsonaro buscou a reeleição, a “ideologia de gênero” continuou a exercer influência no debate (FERREIRA, 2022; FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022). Em uma fala contra a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) (MARTINS, 2023), visto como entusiasta da tal ideologia, Bolsonaro argumentou que a suposta “ideologia de gênero” atacava a estrutura familiar brasileira e questionava o padrão heterossexual (ALEIXO, 2022).

O Telegram como plataforma para extremismos

As plataformas sociais desempenham um papel essencial para a disseminação das ideias bolsonaristas. A ascensão do WhatsApp e do Telegram representa um novo paradigma da comunicação (SEUFERT *et al.*, 2016), ao viabilizar a rápida propagação de informações e a constituição de grupos segmentados. O Telegram Messenger é um dos cinco aplicativos mais baixados globalmente. Em 2022, ultrapassou a marca de 700 milhões de usuários ativos por mês (TELEGRAM, 2023). Com sede em Dubai, criado em 2013

(SHU, 2013), o Telegram pode ser utilizado via smartphone, computador ou tablet. Nas eleições de 2022, no Brasil, o aplicativo se destacou como a plataforma favorita dos bolsonaristas. Ademais, cerca de 24% da população brasileira utiliza o aplicativo, número que chega a 41% entre os mais jovens (MORAES, 2022).

Com privacidade protegida por meio da criptografia de ponta a ponta, com o Telegram pode-se efetuar chamadas de áudio e vídeo, trocar mensagens de texto, compartilhar fotos, vídeos e documentos, ou seja, uma ampla gama de formatos. Além das conversas individuais, por meio de convites e links públicos, os sujeitos podem se conectar a grupos e canais. Destaca-se a capacidade de até 200 mil usuários em cada grupo, em contraponto ao WhatsApp, cujo limite é de 1.024 membros.

Segundo Urman e Katz (2022), o Telegram abriga uma rede de extrema-direita que se assemelha às redes presentes nas principais plataformas de mídia social. A natureza descentralizada divide a rede em diversas comunidades distintas. Destarte, a privacidade absoluta aos usuários, além da possibilidade de apagar ou programar a autodestruição de mensagens, são fatores que impulsionam o compartilhamento de ideias extremistas e, por vezes, criminosas — o que desafia o trabalho de investigação das autoridades e endossa a sensação de impunidade.

Apesar de a presença da extrema direita no Telegram ser mais limitada quando comparada a outras plataformas, como o Facebook e o Twitter, suas *affordances* aumentam substancialmente o potencial de radicalização dentro dos canais e grupos (URMAN; KATZ, 2022). À vista disso, narrativas conspiratórias, mensagens contrárias ao status quo e apelos ao ativismo são predominantes nesse ambiente (SCHULZE *et al.*, 2022). Em 2022, o Telegram foi bloqueado temporariamente no Brasil, por ordem do ministro Alexandre de Moraes, do STF, após solicitação da Polícia Federal (PATRIOLINO, 2022). O bloqueio foi revogado após o Telegram atender às demandas do STF, que incluíram a nomeação de um representante legal no Brasil (RICHTER, 2023), a colaboração com agências de checagem de fatos e o comprometimento em conter a disseminação de notícias falsas.

Ainda em 2022, no contexto eleitoral, os grupos e canais de extrema-direita no Telegram desempenharam um papel fundamental na propagação de mensagens contrárias às instituições democráticas, uma vez que os bolsonaristas tornaram-se mais radicalizados

(INTERNETLAB, 2022). Em 2023, após o ato golpista em Brasília, Moraes acolheu a solicitação da Advocacia-Geral da União (AGU) e ordenou o bloqueio de sete canais e 46 grupos no Telegram envolvidos com a tentativa de golpe (GRANJEIA, 2023). Uma ação que investiga o ato golpista resultou no bloqueio da conta do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG). No entanto, o Telegram optou por pagar R\$ 1,2 milhão e não cumprir a decisão (UOL, 2023a; 2023b). Outro exemplo que endossa a relevância do Telegram é a ordem expedida pelo STF para que o aplicativo removesse uma mensagem que atacava o PL das Fake News (SALATI, 2023).

De acordo com Dibai (2021), a comunicação em grupos bolsonaristas no Telegram fomenta ideias extremistas, uma vez que ocorre a substituição do raciocínio lógico por apelos emocionais. Nesses espaços, a polarização é evidente, visto que os membros dividem a sociedade entre “bons” e “maus”. Durante a pandemia de Covid-19, o canal oficial do ex-presidente Bolsonaro foi utilizado para disseminar discursos autoritários, teorias conspiratórias e alertas morais. Portanto, o aplicativo acabou por se transformar também em um cenário para embates políticos-ideológicos (MONARI, 2022).

Humanidade adoecida

Para este artigo, coletou-se mensagens que circularam em grupos e canais bolsonaristas no Telegram, entre agosto e outubro de 2022 — período da campanha eleitoral e dos dois turnos da eleição para a presidência do Brasil. Encontrou-se os grupos e canais por meio de links e convites públicos. Inicialmente, adotou-se o método “bola de neve”, que culminou em 40 canais e grupos. Após essa etapa, seguiu-se com a observação empírica e com a extração das mensagens, a partir do Telegram Desktop, no formato json (N = 358.774).

Com os dados transpostos para o formato csv, extraiu-se, por meio do Notepad++, as mensagens que mencionavam os termos “ideologia de gênero” (N = 708) e “LGBT” (N = 549). De acordo com Krippendorf (2013), selecionou-se aleatoriamente uma amostra, visando uma confiabilidade de 95% e uma margem de erro de 5%, resultando em 295 mensagens cuja análise exploratória encontra-se a seguir.

No obscuro território digital dos grupos bolsonaristas, uma narrativa distorcida sobre a comunidade LGBTQIA+ e a suposta “ideologia de gênero” é habilmente manipulada para se alinhar ao Mito da Conspiração. Esses grupos operam por meio da disseminação de

mensagens carregadas de elementos do imaginário conspiratório, construindo uma imagem deturpada dos LGBTQIA+ como um inimigo a ser combatido, a fim de mobilizar adeptos.

As mensagens apresentam uma série de acusações infundadas, misturando tópicos como igualdade social, controle social, assistencialismo e propriedade privada com a presença da comunidade LGBTQIA+. A estratégia é evidente: associar, por meio de generalizações grosseiras, os valores e demandas da comunidade LGBTQIA+ a uma agenda conspiratória.

A “ideologia de gênero” é apresentada como uma ferramenta de controle social, com referências ao suposto domínio de líderes comunistas e elites ocultas. As mensagens colocam a população LGBTQIA+ como cúmplice de ditadores e genocidas, distorcendo eventos históricos para alimentar o medo e a desconfiança. A linguagem, geralmente carregada de emoticons e pontos de exclamação, cria uma atmosfera de urgência, amplificando a sensação de ameaça iminente.

A estratégia de associar a comunidade LGBTQIA+ a questões envolvendo crianças e educação também é evidente. A referência a uma “Parada LGBT infantil no Canadá” e a afirmação de que isso se espalhará no Brasil sob a gestão de líderes políticos específicos — como Lula — busca mobilizar sentimentos de proteção da infância e de medo contra a “degeneração” da família, da sociedade e da moral. Tais mensagens são projetadas para incitar reações emocionais e alimentar uma visão negativa dos esforços de inclusão e igualdade. A partir da leitura das mensagens, destacam-se elementos de conexão com o Mito da Conspiração:

Erotização e a sexualidade das crianças

A alusão à “erotização e a sexualidade das crianças nas escolas, através da ideologia de gênero” traz à tona a ideia do Mito da Conspiração de uma agenda secreta e maquiavélica. A expressão “ideologia de gênero” é mobilizada como um gatilho para temores sobre a sexualização precoce, criando uma atmosfera de que forças ocultas trabalham para corromper a inocência das crianças.

Apoio à homossexualidade e transexualidade

As questões sobre a homossexualidade e a transexualidade são compreendidas a partir de um silogismo que endossa a narrativa de que a luta por direitos e igualdade divide a sociedade e impõe opções sexuais sobre os sujeitos, criando uma ideia de manipulação e controle. Nessa narrativa, a comunidade LGBTQIA+ é compreendida como responsável pela fragmentação social, reforçando a noção de que há uma conspiração para corroer os valores tradicionais.

Destruição das famílias e dos valores judaico/cristãos

A “destruição das famílias e dos valores e princípios Judaico/Cristãos” se encaixa na moldura do Mito da Conspiração. O mito muitas vezes aponta para grupos específicos como culpados por erodir as fundações da sociedade, nesse caso, as ideologias progressistas e a população LGBTQIA+ são personificadas como inimigas.

Apoio a seitas satânicas

A menção ao “apoio a seitas satânicas, com seus demônios e deuses pagãos” traz uma dimensão sobrenatural ao mito. A insinuação de que a remoção de símbolos cristãos de espaços públicos abre espaço para o ocultismo e o satanismo reforça a ideia de uma batalha entre forças do bem e do mal, conferindo uma carga emocional mais intensa à narrativa.

Organização secreta e clandestinidade

O trecho “Apoia a igualdade social, no qual eles nivelam todas as classes na miséria... líderes socialistas ficam num patamar elevado... controle total da população... os membros de partidos parceiros sugando e desviando recursos públicos... (sic)” insinua a existência de um grupo de líderes que agem secretamente para subjugar a sociedade, refletindo o aspecto de organização secreta e clandestinidade presentes no Mito da Conspiração.

Projeção negativa e distorção do “Outro”

No excerto “Apoiam o enfraquecimento do Agronegócio... aumento de invasões das propriedades... Apoia o fim da propriedade privada... (sic)”, depreende-se que a ideia de que a comunidade LGBTQIA+ é uma marionete nas mãos de comunistas que desejam enfraquecer os valores tradicionais da sociedade, invertendo a noção do bem e do mal, característica comum nos mitos conspiratórios.

Medo coletivo e senso comum

Em “ESQUERDALHAS DO SATANÁS... A HUMANIDADE ADOECEU GRAVEMENTE...! Em breve no Brasil, na gestão de Lula... (sic)”, evidencia-se o medo coletivo em relação à suposta degeneração e à disseminação de eventos prejudiciais. Ao mesmo tempo, justifica-se que isso acontecerá sob um líder político específico, Lula, refletindo o modo como o Mito da Conspiração responde a situações de incerteza com uma explicação que recorre ao senso comum.

Criação de comunidade unida

O trecho “haverá quem não queira que as pessoas saibam sobre a importância da família... objetivo das elites ocultas do poder LGBTI (sic)” constrói um senso de unidade entre os que compartilham uma visão extremista de mundo, ao sugerir a existência de um inimigo em comum cujo objetivo é minar a ordem estabelecida, apelando à necessidade de coesão e resistência.

Considerações finais

Em 2016, a cidade de São Luís do Maranhão homenageou Tibira com um monumento comemorativo em forma de lápide, localizado no centro da cidade, próximo ao local de sua execução. A inauguração do monumento contou com a presença de Luiz Mott e do secretário de Direitos Humanos do estado, que destacaram o martírio de Tibira. A cordelista Salete Maria compôs uma história de cordel que resgata a angústia de Tibira e o saúda como o primeiro mártir homossexual do Brasil (TREVISAN, 2018).

A história de Tibira do Maranhão não apenas destaca a tragédia pessoal de um indivíduo, mas também permite a compreensão do presente à luz do passado. Nas últimas décadas, observou-se avanços, mas também retrocessos. Assim como os colonizadores retrataram Tibira como um “índio bruto”, os bolsonaristas muitas vezes lançam estigmas e estereótipos negativos sobre as pessoas LGBTQIA+. Essa desumanização serve para justificar preconceitos e hostilidades. Tibira também foi descrito como “mais cavalo do que um homem”, isto é, sua humanidade foi negada. Analogamente, bolsonaristas negam a identidade de gênero e a sexualidade das pessoas LGBTQIA+, reduzindo-as a estereótipos ou negando sua validade.

Da mesma forma que o missionário Yves d'Évreux celebrou o assassinato de Tibira como uma vitória cristã, bolsonaristas frequentemente justificam suas visões LGBTfóbicas com argumentos religiosos, afirmando que agem de acordo com a moral e os valores cristãos. Sendo assim, à vista das mensagens analisadas, bolsonaristas retratam a comunidade LGBTQIA+ como uma ameaça à moral e à sociedade, buscando suprimir suas identidades e direitos.

Por fim, o batismo de Tibira foi uma tentativa de reinterpretação de sua identidade, afirmando que ele tinha sido “retirado dos abismos infernais” de sua homossexualidade. De maneira semelhante, alguns bolsonaristas argumentam que a comunidade LGBTQIA+ pode mudar ou se curar, rejeitando a diversidade sexual, de gênero e de identidades.

Este artigo, de caráter exploratório, não almeja propor respostas definitivas para a problemática apresentada. A pesquisa, ainda em andamento, carece de análises aprofundadas e do desenho de categorias analíticas sólidas a fim de lançar luz sobre o objeto de estudo proposto. Destarte, a partir da análise deste artigo, compreende-se que o Telegram e suas *affordances*, assim como o WhatsApp, propicia a disseminação de narrativas conspiratórias pelos bolsonaristas. Essas narrativas são intrinsecamente conectadas à compreensão dicotômica das pautas progressistas, incluindo a população LGBTQIA+, ativando valores autoritários e mobilizando o medo como um instrumento para unir e engajar seguidores na luta contra um inimigo imaginário, concebido por meio do filtro do Mito da Conspiração.

A dinâmica do Mito da Conspiração é frequentemente evocada para sustentar um pânico moral/sexual. Destarte, a população LGBTQIA+ é associada à esquerda progressista, muitas vezes caracterizada pejorativamente como “comunista”, estereotipando-a como um inimigo. Essa manipulação do imaginário bolsonarista mobiliza o medo, recorrendo a referências históricas, sociais e morais para moldar a percepção dos sujeitos em relação à população LGBTQIA+.

As mensagens analisadas atuam como catalisadores para envolver os adeptos do bolsonarismo na luta contra um inimigo. Portanto, é essencial que se compreenda o imaginário dos algozes da população LGBTQIA+, para que, um dia, histórias como a de Tibira do Maranhão, Marielle Franco, Dandara Kettley, Matheusa Passarelli, Jefferson Feijó, David Levísio — e tantos outros — cessem e não se repitam.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a Personalidade Autoritária**. Trad. Virgínia Helena Ferreira da Costa, Francisco Lopez Toledo Corrêa, Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- ALEIXO, Isabela. **Bolsonaro distorce decreto para atacar Lula e suposta "ideologia de gênero"**. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/09/23/bolsonaro-distorce-decreto-para-atacar-lula-e-suposta-ideologia-de-genero.htm>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- ALVES, Marcelo. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. Tese de doutorado. PPGCOM-UFF, 2019.
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cad. Pagu**, n. 53, 2018.
- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. Boitempo Editorial, 2020.
- DIBAI, Priscilla. “Lula nunca será livre”: a ofensiva ao inimigo em grupo bolsonarista no Telegram. **Revista Compólitica**, v. 11, n. 1, p. 5-30, 2021.
- FEITOSA, Cleyton. Do “Kit Gay” ao “Ministério da Família”: a desinstitucionalização das políticas públicas LGBTI+ no Brasil. **Cadernos de gênero e tecnologia**, v. 14, n. 43, p. 74-89, 2021.
- FERREIRA, Israel. **Ideologia de gênero: após ser citado por candidatos ao GDF no debate da Globo, termo tem pico de buscas no Google**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/09/28/ideologia-de-genero-apos-ser-citado-por-candidatos-ao-gdf-no-debate-da-globo-termo-tem-pico-de-buscas-no-google.ghtml>. Acesso em 30 mar. 2023.
- FIGUEIREDO, Camilla; MALVEZZI, Paulo. **‘Ideologia de gênero’: como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+**. 2022. Disponível em: <https://adiadorim.org/reportagens/2022/09/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. Acesso em 30 mar. 2023.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Luiz Roberto. Autoritarismo de múltiplas faces no Brasil: antissemitismo, bolsonarismo e educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. e4532136-e4532136, 2020.
- GRANJEIA, Julianna. **STF ordena bloqueio imediato de canais golpistas no Telegram**. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/byte/stf-ordena-bloqueio-imediato-de-canais-golpistas-no-telegram,4d5df4f9b2535df67456968853538c65gw5xr3bc.html>. Acesso em 24 mar 2023.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. Elementos do Anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- INTERNETLAB. **Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022**. 2022. Disponível em: <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/08/telegram-01-relatorio-06-1.pdf>. Acesso em 25 mar. 2023.
- KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Thousand Oaks: SAGE, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O NEOCONSERVADORISMO CRISTÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA. BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. Boitempo Editorial, 2020.

MARTINS, Helena. A disputa na internet: plataformas, desinformação e impactos na democracia. In: AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel. **Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da “ideologia de gênero” no discurso da extrema direita brasileira. **cadernos pagu**, v. 26, 2021.

MONARI, Ana Carolina. “Verdades divididas” sobre a Covid-19: o uso do canal do Telegram de Bolsonaro como registro oficial do governo. **Cadernos De História Da Ciência**, v. 15, n. 1, p. 1-32, 2022.

MORAES, Acácio. **94% têm conta em alguma rede social; WhatsApp lidera com 92%**. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-ldera-com-92.shtml>. Acesso em: 14 ago 2023.

PATRIOLINO, Luana. **Entenda o que levou o STF a banir o Telegram no Brasil**. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/03/19/interna_politica,1353944/entenda-o-que-levou-o-stf-a-banir-o-telegram-no-brasil.shtml. Acesso em 24 mar. 2023.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; LERNER, Celina. A direita na rede: mobilização online no impeachment de Dilma Rousseff. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 12-24, 2018.

PEREIRA, Matheus. **Políticas para LGBTI+ no governo federal: ascensão e queda**. 2022. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2022/Pol%C3%ADticas-para-LGBTI-no-governo-federal-ascens%C3%A3o-e-queda>: Acesso em 30 mar. 2023.

PLANO DE GOVERNO. **O CAMINHO DA PROSPERIDADE**. Proposta de Plano de Governo. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf>. Acesso em 30 jul 2023.

POPOLIN, Guilherme. **Anticomunismo no Brasil contemporâneo: o mito do comunismo em memes de internet**. Curitiba: Appris, 2023.

POPOLIN, Guilherme. Masculinizar a mulher e feminilizar o homem: o conluio entre LGBT+ e a esquerda para implantar a “ideologia de gênero” no Brasil. XXX COMPÓS. **Anais...**, 2021.

POPOLIN, Guilherme. Memes de discussão pública: o mito da conspiração comunista no Brasil. **Domínios da Imagem**, v. 14, n. 27, p. 397-417, 2020.

PUCCI, Bruno. A Personalidade Autoritária no Brasil em tempos de neoliberalismo e de Coronavírus. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 14, p. e4538132-e4538132, 2020.

RICHTER, André. **Telegram indica ao STF novo representante legal no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2023-05/telegram-indica-ao-stf-novo-representante-legal-no-brasil>. Acesso em 08 ago 2023.

ROMANCINI, Richard. Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”: a reação conservadora no Brasil. **Contracampo**, v. 37, n. 2, p. 87-108, 2018.

SALATI, Paula. **Telegram cumpre ordem do STF e apaga mensagem que atacava PL das Fake News**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/10/telegram-envia-mensagem-determinada-pelo-stf-e-apaga-anterior.ghtml>. Acesso em 08 ago. 2023.

- SANTOS, Allan Carlos dos. O BOLSONARISMO E A FABRICAÇÃO DO P NICO SEXUAL NOS AMBIENTES DE SOCIABILIDADE DIGITAL. **Anais do XXXI Encontro Anual da Compós**. Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz (MA), 2022.
- SCHULZE, Heidi; HOHNER, Julian; GREIPL, Simon; GIRGNHUBER, Maximilian; DESTA, Isabell; RIEGER, Diana. Far-right conspiracy groups on fringe platforms: a longitudinal analysis of radicalization dynamics on Telegram. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 28, n. 4, p. 1103-1126, 2022.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- SEUFERT, M.; HÖBFELD, T.; SCHWIND, A.; BURGER, V.; TRAN-GIA, P. Group-based communication. **IEEE Computer Society**, 2016.
- SHU, Catherine. **Meet Telegram, A Secure Messaging App From The Founders Of VK, Russia's Largest Social Network**. 2013. Disponível em: <https://techcrunch.com/2013/10/27/meet-telegram-a-secure-messaging-app-from-the-founders-of-vk-russias-largest-social-network/>. Acesso em 12 abr. 2023.
- SILVA, Elder Luan dos Santos. Neoconservadorismo e ofensivas antigênero no Brasil: a mobilização da ideologia de gênero e a produção de LGBTfobias no governo Bolsonaro. **Rebeh**, v. 4, n. 14, p. 331-363, 2021.
- SOUZA, Jessé. **A Elite do atraso. Da Escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- TELEGRAM. **Telegram Press Info**. 2023. Disponível em: <https://telegram.org/press>. Acesso em 12 abr. 2023.
- TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso. **A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- UOL. **Moraes multa Telegram em R\$ 1,2 milhão por não bloquear Nikolas Ferreira**. 2023a. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/01/25/moraes-multa-telegram-em-r-12-milhao-por-nao-bloquear-nikolas-ferreira.htm>. Acesso em 24 mar. 2023.
- UOL. **Telegram diz a Moraes que pagou multa por não bloquear Nikolas Ferreira**. 2023b. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/02/02/telegram-diz-pagou-multa-alexandre-de-moraes.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 24 mar. 2023.
- URMAN, Aleksandra; KATZ, Stefan. What they do in the shadows: examining the far-right networks on Telegram. **Information, Communication & Society**, v. 25, n. 7, p. 904-923, 2022.
- VASCONCELOS, Caê. **Os retrocessos para população LGBTQ+ em 2019**. 2019. Disponível em: <https://ponte.org/os-retrocessos-do-governo-bolsonaro-para-lgbt-em-2019/>. Acesso em: 30 mar. 2023.